

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - ICHS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**O ENSINO DO LÉXICO, NO ENSINO MÉDIO, COM BASE NA OBRA
“O ANALISTA DE BAGÉ” DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO**

Carolina Soares Pimenta

Mariana
2024

Carolina Soares Pimenta

**O ENSINO DO LÉXICO, NO ENSINO MÉDIO, COM BASE NA OBRA “O ANALISTA DE BAGÉ”
DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Departamento de Letras da UFOP como requisito básico para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras Português.

Orientador (a): Prof^ª Dr^ª Soélis Teixeira do Prado Mendes

Mariana

2024



FOLHA DE APROVAÇÃO

Carolina Soares Pimenta

O ensino do léxico com base na obra "O Analista de Bagé", de Luís Fernando Veríssimo.

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Língua Portuguesa

Aprovada em 26 de fevereiro de 2024.

Membros da banca

Dra. Soélis Teixeira do Prado Mendes - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dra. Ada Magaly Matias Brasileiro - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Profa. Dra. Soélis Teixeira do Prado Mendes, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 05/03/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Soelis Teixeira do Prado Mendes, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 31/10/2024, às 13:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0803802** e o código CRC **1BDBFD FE**.

RESUMO

A monografia intitulada "O ensino do léxico no ensino médio com base na obra "O Analista de Bagé" de Luis Fernando Veríssimo" discute o ensino do vocabulário na Educação Básica, destacando o potencial da obra humorística de Veríssimo como ferramenta pedagógica. A análise foca no vocabulário específico do livro, com suas expressões regionais e tom humorístico, como forma de enriquecer o repertório lexical dos estudantes e promover a compreensão da diversidade linguística do Brasil. O estudo propõe atividades pedagógicas que exploram a linguagem e o contexto cultural da obra, enfatizando a importância do ensino de léxico para o desenvolvimento da competência linguística e da leitura crítica dos alunos. Fundamentado na abordagem do ensino lexical, o trabalho aponta para o aprofundamento do vocabulário e a interpretação de textos complexos, promovendo práticas relevantes para o Ensino Médio.

PALAVRAS-CHAVE: *ensino médio, neologismos, ensino lexical, Veríssimo.*

ABSTRACT

The monograph titled “Teaching Lexicon in High School Based on the Work “O Analista de Bagé” by Luis Fernando Veríssimo” addresses vocabulary instruction in high school education, emphasizing the potential of Veríssimo’s humorous text as a pedagogical tool. The analysis focuses on the distinctive vocabulary of the book, including regional expressions and humor, as a means to enrich students' lexical repertoire and promote an understanding of Brazilian linguistic diversity. The study proposes pedagogical activities that explore both the language and cultural context of the work, underscoring the importance of teaching vocabulary to enhance students' linguistic competence and critical reading abilities.

KEYWORDS: *high school, neologisms, lexical teaching, Veríssimo.*

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	01
<u>REFERENCIAL TEÓRICO</u>	02
<u>1.1 Processos de formação de palavras, conforme gramáticas normativas</u>	02
1.1.1 Por que criamos palavras?	04
1.1.1.1 Regras Morfológicas e Regras Sintáticas	05
1.1.1.2 Regras de Análise Estrutural (RAEs) e Regras de Formação de Palavras (RFPs)	06
1.1.1.3 O que é neologismo	07
2. A PROPOSTA DE ATIVIDADES RELACIONADAS A NEOLOGISMO LEXICAL	08
2.1 Livro didático do Ensino Médio Linguagens: Cidade em pauta, por Maria Tereza Rangel Arruda Campos	09
2.1.1 Descrição da obra	10
2.1.2 Estrutura do livro	10
2.1.3 Como a análise linguística é abordada na obra?	11
2.2 Proposta de atividades sobre neologismos	12
2.2.1 Por que sugerir atividades sobre neologismos?.....	...
...12	
2.2.2 Por que utilizar o livro O analista de Bagé?	13
2.2.3 Propostas de Atividades	13
2.2.3.1 Sequência de atividades propostas.....	14
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	17
<u>REFERÊNCIAS</u>	19
<u>ANEXOS</u>	20

INTRODUÇÃO

A língua é um organismo vivo e dinâmico, e, constantemente, novos termos surgem, refletindo a dinâmica evolutiva da língua e a adaptabilidade dos indivíduos diante das transformações sociais e tecnológicas. No entanto, muitas vezes, os métodos tradicionais de ensino de línguas apresentam uma perspectiva estática, centrada em gramáticas e livros didáticos que abordam sufixos, prefixos, latinos e/ou gregos para explicar os processos de formação de palavras. Essa abordagem pode transmitir a falsa ideia de que a língua é uma entidade imutável e engessada, desconsiderando a riqueza da criatividade linguística presente no cotidiano.

Ao desconsiderarmos a constante criação de palavras pelos falantes, a abordagem convencional acaba por limitar a compreensão dos estudantes sobre a verdadeira natureza da língua. Tomemos como exemplo, o ex-presidente, que, desafiando as normas linguísticas, criou palavras como “imbrochável”, “incomível” e “imorrível”, demonstrando que a língua é maleável, adaptável e pronta para acolher novidades a qualquer momento.

Ademais, não podemos ignorar o fato de que a indústria publicitária compreende e aproveita essa efervescência linguística. Empresas, ao criar termos como “brahmosidade” para expressar a qualidade de algo ser típico ou característico de um determinado elemento, evidenciam como a criatividade verbal pode ser uma poderosa ferramenta comunicativa.

Contudo, ao tratar do ensino lexical nos programas de ensino básico de Língua Portuguesa, parece que, no decorrer do tempo, esse conteúdo educacional vem perdendo espaço cada vez mais. Ao verificar o livro didático do Ensino Médio, *Linguagens: Identidades* da Maria Tereza Arruda Campos, Lucas Sanches Odda, Inaê Coutinho de Carvalho e Rodolfo Gazzetta, edição 2020, utilizado em uma escola pública do município de Mariana, Minas Gerais, foi constatado, numa análise preliminar, que o ensino do léxico parece não figurar como objeto de ensino.

É essencial reconhecer a importância de incorporar essas criações vocabulares nas práticas educacionais. A resistência a explorar tais fenômenos linguísticos podem transmitir a ideia equivocada de que a língua é um conjunto rígido de regras, quando na verdade é um organismo flexível, moldado pela criatividade e pela comunicação contínua.

Objetiva-se aqui, descrever o estudo do léxico através da literatura e analisar como esse ensino pode contribuir para as aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio. A metodologia se dá

com base no livro *Como produzir textos acadêmicos e científicos* da autora Ada Magaly Matias Brasileiro, e este trabalho pode ser definido como uma pesquisa-ação. Isso porque pretende-se propor atividades de estudo lexical: neologismo e construção de sentidos.

Dessa forma, a sala de aula deve ser um espaço que celebra a inventividade do falante, incentivando a criação de palavras e expressões como parte integral do aprendizado da língua. Ao reconhecer a dinâmica intrínseca da linguagem, os educadores contribuem para uma educação mais enriquecedora e alinhada com a realidade linguística em constante evolução. Afinal, a verdadeira maestria na linguagem reside na capacidade de criar, reinventar e moldar a comunicação de maneira única e inovadora.

O presente texto está dividido da seguinte forma: na parte 1 discutimos o referencial teórico, desde o processo de formação de palavras até as regras morfológicas e sintáticas. Já na parte 2, será apresentado a proposta de atividades relacionadas ao neologismo lexical, incluindo as definições, a análise do livro didático e o porquê de utilizar o livro *O analista de Bagé*.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Processos de formação de palavras, conforme gramáticas normativas

A formação de palavras é um dos aspectos mais importantes no estudo da Língua Portuguesa, pois permite compreender como novos termos são criados e incorporados ao nosso vocabulário. Dentro da perspectiva da Gramática Normativa (GN), as contribuições de autores renomados como Rocha Lima (1972/2011) e Evanildo Bechara (1961/2009) destacam-se como referências fundamentais, do ponto de vista normativo, para compreender os princípios que regem esse processo.

Rocha Lima (1972/2011) aborda a formação de palavras sob uma perspectiva estrutural, analisando os processos morfológicos que possibilitam a criação e evolução do léxico. Suas reflexões destacam a importância da derivação e composição, evidenciando como prefixos, sufixos e radicais combinam entre si para conferir novos significados e engrandecer o vocabulário.

Sob outra perspectiva, Evanildo Bechara (1961/2009) oferece uma abordagem sólida sobre a formação de palavras, considerando não apenas os aspectos estruturais, mas também as nuances semânticas e pragmáticas envolvidas. Seus estudos aprofundam-se nas raízes etimológicas,

enriquecendo a compreensão do processo de formação lexical. De acordo com Rocha Lima (1972/2011), a derivação consiste no processo de formação de palavras a partir de uma palavra primitiva, mediante adição de afixos (prefixos, sufixos, infixos). Essas alterações modificam o significado original da palavra, proporcionando-lhes uma ampla gama de possibilidades de expressão. Por exemplo, podendo transformar um substantivo em adjetivo: “beleza” para “belo”; ou um verbo em substantivo: “correr” para “corrida”.

Assim como Bechara (1961/2009), que também destacou a importância dos afixos (prefixos e sufixos) como elementos-chave nesse processo. Os prefixos, quando acrescentados a uma palavra, geralmente alteram seu significado ou conferem novas nuances semânticas. Da mesma forma, os sufixos, quando aplicados, podem indicar mudanças de categoria gramatical, como a transformação de um verbo em substantivo ou a variação de grau em adjetivos. O autor ressalta, ainda, a importância da análise etimológica nesse processo, evidenciando como as palavras derivadas, muitas vezes, preservam elementos de suas origens, revelando a riqueza histórica e cultural da língua.

A composição, por sua vez, segundo Rocha Lima (1972/2011), envolve a união de duas ou mais palavras para formar uma nova com significado próprio. Essa formação de novas palavras é feita a partir da combinação de dois ou mais radicais, que podem ser substantivos, adjetivos, verbos, entre outros. A composição permite criar termos que muitas vezes expressam conceitos mais complexos, reunindo elementos que, isoladamente, têm significados específicos. Exemplos comuns de composição incluem palavras como “guarda-chuva”, “passatempo” ou “planalto”.

Bechara (1961/2009) também define a composição como a união de dois ou mais radicais para formar uma nova palavra. Essa combinação de elementos linguísticos possibilitam a criação de termos que representam conceitos específicos, muitas vezes de forma mais precisa do que seria possível com palavras isoladas. Enfatizando a relevância da combinação de raízes na formação de novas palavras, ele explora a diversidade de possibilidades e como essas uniões criam termos que preenchem lacunas no vocabulário, muitas vezes refletindo a evolução cultural e social da língua. Também abordou a flexibilidade da Língua Portuguesa em aceitar diferentes tipos de composição, desde as aglutinações mais simples até as codificações mais complexas, que permitem a formação de palavras compostas por substantivos, adjetivos, verbos, etc, ampliando significativamente o vocabulário da língua.

Embora Rocha Lima e Evanildo Bechara tenham dedicado parte de suas carreiras à gramática normativa da Língua Portuguesa, é interessante observar como ambos também ofereceram contribuições valiosas para o estudo da formação de palavras. Enquanto a Gramática Tradicional se concentra nas regras que orientam o uso correto da língua, a análise da formação de palavras explora como novas palavras são criadas e incorporadas ao vocabulário. A análise morfológica das palavras, suas raízes e derivações, emerge como um campo curioso que amplia nossa compreensão sobre a riqueza e complexidade da língua.

1.1.1 Por que criamos palavras?

De acordo com Luiz Carlos de Assis Rocha (2008), a formação de novas palavras está ligada a três fatores:

- a) *Função de mudança categorial*: Segundo o autor, é uma exigência do próprio sistema linguístico. Utiliza-se um sufixo para “facilitar” o uso da língua, não sendo necessário criar um novo termo. Por exemplo: rapidamente = junção da palavra “rápido” + sufixo “mente”.
- b) *Função expressiva de avaliação*: Para Rocha (2008), esse tipo de função baseia-se na importância do sujeito falante e utiliza elementos morfológicos acrescentados a uma palavra para expressar emoção, ênfase ou intensidade. Como exemplo, temos: bonitinho = junção da palavra bonito + sufixo “inho”, grandão: junção da palavra grande + sufixo “ão”, bonitíssima: junção da palavra bonita + sufixo “íssima”.
- c) *Função de rotulação*: Está ligada, conforme o autor, à “necessidade de dar nomes às coisas”. Baseia-se na necessidade de nomear tudo que acontece no mundo, desde questões culturais a questões tecnológicas. Por exemplo: superfaturamento.

Para além disso, outro termo importante apresentado por Rocha (2008) é a *lexicalização* que pode ser definido como um processo linguístico por meio do qual uma expressão ou combinação de palavras, inicialmente utilizada de forma mais flexível ou composicional, adquire uma forma mais fixa, tornando-se uma única unidade lexical com um significado específico. Um caso típico que bem ilustra a lexicalização é “dor de cabeça” em estruturas como: “Carro velho dá muita dor de cabeça para o dono”, nesse caso a expressão “dor de cabeça” possui sinônimo de “dar problema”, ou seja, a expressão “dor de cabeça” fica vazia de sentido e assume nova significação. Para além disso, não é possível acrescentar nenhum

elemento no seu interior, tais como: “dor maldita de cabeça”, pois isso fará com que o sentido de “dar problema” seja anulado.

Ela pode ocorrer devido ao uso frequente e consolidado de uma determinada expressão pela comunidade linguística, levando a uma percepção coletiva de que ela representa uma única unidade de significado, como o caso acima. Conforme o autor, a lexicalização é um aspecto importante na evolução linguística e, muitas vezes, está associada a mudanças semânticas, pragmáticas e culturais. Durante esse processo, a expressão pode sofrer alterações fonéticas, morfológicas, semânticas ou sintáticas para se adaptar à língua de destino. A criação de novas palavras por meio da lexicalização é uma das formas pelas quais as línguas se desenvolvem e se adaptam às necessidades comunicativas dos falantes.

A seguir vamos discutir as regras que explicam a formação de palavras.

1.1.1.1 Regras Morfológicas e Regras Sintáticas

A profundidade do conhecimento lexical de um falante, ou mais especificamente sua gramática internalizada, reforça sua capacidade de identificar e compreender as relações existentes entre elas. Quanto mais familiarizado alguém estiver com as palavras e suas nuances, melhor será sua compreensão dessas relações, por exemplo: jogar → jogador. Geralmente essas palavras são formadas a partir de verbos, ou no caso das que terminam em “-eiro” a partir de substantivos, como exemplo: cova → coveiro. Ficando predisposto, segundo Rocha (2008, p.37), da seguinte forma:

V (verbo) → S (substantivo)-dor - ou seja, um **Verbo X** ao qual for acrescentado o sufixo -dor se transformará (ou mudará de classe) em **Substantivo** acrescido de -dor => cantar (verbo) + dor = cantador (substantivo)

S (substantivo) → S (substantivo)-eiro - ou seja, um Substantivo X que receber o prefixo -eiro (não mudará de classe) se manterá como substantivo acrescido de -eiro => fazenda (substantivo) + -eiro = fazendeiro (substantivo)

O autor ainda frisa que esse processo não é uma verdade absoluta, isso porque não são todos os verbos e substantivos que poderão ter uma base para receber os sufixos citados anteriormente. Por exemplo, o verbo sorrir pode ser anexar ao sufixo -dor, mas o resultado (*sorridor* - substantivo) - embora seja o resultado da aplicação da regra proposta, ou seja, V + -dor = S(-

dor), não se encontra dicionarizada no Português Brasileiro. Dito isso, a regra morfológica se dá de acordo com a definição dessa base e do produto final. Com relação às regras sintáticas, o autor argumenta que elas são diferentes das regras morfológicas, visto que, como defende Aronoff (1976, p.46): “as regras de formação de palavras são regras do léxico e como tais, operam totalmente dentro do léxico”. Logo, não possuem relação direta com regras sintáticas.

Como consequência, de acordo com Rocha (2008, p.38), temos a *probabilidade de ocorrência*, defendida por Bauer (1983, p.71), que diz que ao criar uma sentença com o acionamento da regra sintática, ela poderá correr o risco de desaparecer, sendo utilizada apenas em momentos específicos. Como exemplo, temos a palavra “orelhão”. Hoje em dia é raro encontrar este objeto nas cidades, e se ainda encontra, provavelmente, não funciona mais. Ao “perder” essa utilidade, a palavra cai em desuso pela população, tornando-se efêmera.

1.1.1.2 Regras de Análise Estrutural (RAEs) e Regras de Formação de Palavras (RFPs)

Ao lidarmos com uma conversa informal entre amigos brasileiros que não se veem há um certo tempo, podemos notar que algumas palavras poderão soar familiares aos falantes, como: *trabalho, família, correria*, etc. Ou seja, estão institucionalizadas no nosso repertório. Por outro lado, também podem aparecer palavras que não são comuns a todos os falantes, definidas como não institucionalizadas, como exemplo, a palavra *surgidor*. Contudo, se esses amigos forem de uma região específica do Brasil, como Minas Gerais, podem surgir termos lexicais simples e/ou complexos não institucionalizadas no léxico de todo falante da Língua Portuguesa, como: *garrado, sem brava, de rocha*, etc.

Ao falarmos de itens institucionalizados complexos, como *esquecimento* que tem como palavra base o verbo *esquecer*, notamos que há uma possibilidade de o falante reconhecer a estrutura dessa palavra, ou seja, para a formação desse item lexical, ele está utilizando uma Regra e Análise Estrutural. Quando se criam itens lexicais novos, como *surgidor*, o falante está utilizando a Regra de Formação de Palavras, no qual *surgidor* será: $[\text{surgir}]_v \rightarrow [[\text{surgir}]_v -\text{dor}] = [\text{surgidor}]_s$

Rocha (2008, p.42), ainda com base nas definições de Aronoff (1976, p.22), afirma:

As regras regulares a que nos referimos serão denominadas de Regras de Formação de Palavras (RFPs). Uma regra específica, um conjunto de palavras sobre o qual ela pode operar. Esse conjunto, ou qualquer membro desse conjunto, nós denominaremos base dessa regra. Toda RFP especifica uma única operação fonológica, que opera sobre a base. Toda RFP também especifica o rótulo sintático e a subcategorização da palavra resultante, bem como a sua interpretação semântica, que é uma função da interpretação da base.

Em vista disso, é possível notar que, ao explorarmos essa possibilidade de criação de palavras, os falantes não apenas contribuem para a riqueza do léxico, mas também participam ativamente na criação da própria narrativa linguística, refletindo sobre a vitalidade do idioma que está em constante transformação.

Ao transitarmos do tema geral da formação de palavras para a esfera mais específica dos neologismos, adentramos em um território linguístico mais dinâmico. Enquanto a formação de palavras sugere um ato de inovação lexical, a exploração dos neologismos amplia esse conceito. Conseqüentemente, a criação vocabular, antes vista como uma prática estática, torna-se agora uma manifestação mais complexa, refletindo as nuances de mudanças sociais, avanços tecnológicos e evolução cultural. Nesse contexto, a criação de neologismos emerge como uma resposta linguística dinâmica e uma ferramenta necessária para expressar a capacidade criativa dos falantes de qualquer língua falada ou escrita.

1.1.1.3 O que é neologismo

Conforme Alves (1990), neologismo é um método de criação lexical que se refere ao processo de formação de novas palavras numa língua. Segundo a autora, esse processo é dividido em quatro etapas.

- a) *Neologismos fonológicos*: refere-se, segundo ela, à criação de uma unidade lexical que tenha um significante inédito, ou seja, criado do zero, sem nenhuma base conhecida. A autora ainda ressalta que é raro isso acontecer em todas as línguas.
- b) *Neologismos sintáticos*: são formados por elementos que já existem, fazendo apenas modificações nas estruturas gramaticais da língua, principalmente por derivação e por composição. Exemplo: *tuitar*.

- c) *Neologismos semânticos*: também conhecidos como *conceptuais*, esses neologismos, segundo Alves, referem-se à criação de novas palavras ou expressões que envolvem uma mudança sem significado original de termos existentes. Exemplo: *home office*.
- d) *Neologismos por empréstimo*: ocorrem quando uma língua adota palavras de outra língua estrangeira, muitas vezes sem tradução direta, ratifica a autora. Exemplo: *feedback*.

Esses tipos de neologismos ilustram uma variedade de aspectos do desenvolvimento lexical de uma língua que pode ser modificada, propiciando mudanças fonéticas, semânticas, sintáticas. Eles refletem a influência global nas línguas e a rápida evolução do léxico à medida em que as sociedades se tornam mais interligadas.

Neste capítulo, compreendemos as definições de formação de palavras e de neologismos, explorando como a língua está em constante evolução e como novas palavras surgem para refletir as mudanças sociais, tecnológicas e culturais. Agora, entraremos em uma análise aprofundada sobre o livro didático de Língua Portuguesa. Se as bases conceituais são os pilares do conhecimento, a aplicação prática desses princípios encontra-se muitas vezes nas páginas dessas obras pedagógicas.

Ao explorar essa temática, não apenas enriqueceremos nossa compreensão sobre o livro didático de português, mas também chamaremos a atenção para a necessidade de adaptar os métodos de ensino da Língua Portuguesa à evolução constante da linguagem, garantindo aos discentes a oportunidade de constatar o caráter dinâmico da língua, além de também possibilitá-los a experiência de verificar que não há erros linguísticos, mas usos. Assim, no próximo capítulo, vamos discutir e sugerir atividades didáticas que podem se revelar como uma oportunidade para explorar, em sala de aula, a tradição e inovação, ou seja, termos antigos, já pertencentes à língua, e novos termos que são criados normalmente porque obedecem a uma regra de formação de palavras.

2. A PROPOSTA DE ATIVIDADES RELACIONADAS A NEOLOGISMO LEXICAL

Antes de propormos algumas atividades sobre formação de palavras com foco em neologismos, que é o objetivo do presente trabalho, vamos fazer uma análise do livro didático que é utilizado nos três anos (1º ao 3º ano) do EM de uma escola pública da cidade de Mariana (MG).

2.1 Livro didático do Ensino Médio *Linguagens: Cidade em pauta*, por Maria Tereza Rangel Arruda Campos

A escolha do livro didático envolve vários critérios e considerações por parte das instituições de ensino, como a abordagem pedagógica que deve ser compatível com a filosofia educacional adotada pela escola ou pelo sistema de ensino, isso inclui a metodologia que deve ser alinhada às práticas educacionais adotadas pela escola, incluindo considerações sobre teorias de aprendizagem, métodos de ensino e estratégias pedagógicas. Além disso, também é preciso considerar a adequação do livro ao perfil dos alunos, levando em conta sua faixa etária, nível de compreensão e interesses. O livro escolhido como apoio pedagógico do 1º ano do Ensino Médio, em uma das escolas estaduais da cidade de Mariana (MG), foi *Linguagens: Cidade em pauta*, que faz parte de uma coletânea da Multiversos, e produzido por Maria Tereza Rangel Arruda Campos com o auxílio de Lucas Kiyoharu Sanches Oda, Inaê Coutinho de Carvalho, Rodolfo Gazzetta.

2.1.1 Descrição da obra

Linguagens: Cidade em pauta é um livro didático de linguagens desenvolvido especialmente para estudantes do EM. Ele oferece uma abordagem abrangente e interdisciplinar, explorando os aspectos fundamentais da linguagem, comunicação e expressão. Tem como principal característica a interdisciplinaridade, pois aborda conceitos do português, literatura, produção textual, comunicação visual e multimodalidade de forma integrada. Ele faz parte de uma coletânea denominada *Multiversos* que conta com mais 5 obras, intituladas: *Linguagens: Natureza em pauta*; *Linguagens: Diversidade: Lugares, falas e culturas*; *Linguagens: Identidades*; *Linguagens: Mundo do trabalho*; *Linguagens: mundo dos afetos*. Desenvolvido em 2020 pela editora FTD, a estrutura do livro é dividida em 03 unidades com 04 capítulos cada. Em cada início de capítulo, o livro traz qual competência da BNCC será trabalhada durante o processo. Tem por objetivo “analisar diferentes gêneros textuais, analisar práticas corporais vivenciadas na cidade, relacionar as práticas de linguagem, estabelecendo diálogos interdiscursivos entre elas.”

2.1.2 Estrutura do livro

O livro traz uma introdução do que será trabalhado no decorrer da unidade, apresentando questões a serem respondidas pelos alunos, que são determinadas com base nos seus

conhecimentos prévios. Posteriormente, faz uso de gêneros textuais como notícias, contos, vídeos e etc. A análise linguística, que é o nosso tema de interesse, e terá maior atenção, é proposta brevemente na parte: *Pensar a língua*, que aborda questões gramaticais, como os advérbios como marcadores e modalizadores, e traz mais textos e atividades para serem desenvolvidas. Há também o *Ler o mundo e Sentir o mundo*, que apresenta interações a serem feitas pelos alunos com os temas trabalhados; a seção *Pensar e compartilhar*, em que o aluno vai “analisar, compreender e interpretar os gêneros textuais, os objetos artísticos e as práticas corporais em estudo”; a seção *#paraexplorar*, que traz mais informações sobre os conteúdos trabalhados, como no 2º capítulo, que trata do grafite e o *#nósnaprática*, que traz propostas de produções a serem realizadas pelos próprios alunos. E, por fim, ao final de cada unidade há o *#parafazerjuntos*, que é a criação de mapas interativos sobre os conteúdos trabalhados em todos os capítulos. As três unidades apresentam os seguintes capítulos:

→ Unidade 1 - A cidade em fatos

Capítulo 1: Os fatos da vida na cidade;

Capítulo 2: Para pensar sobre a cidade de seu tempo;

Capítulo 3: Arte nas veias da cidade;

Capítulo 4: O esporte para além das quatro linhas.

Pensar a língua • os advérbios como marcadores e modalizadores.

→ Unidade 2: Um país que se urbaniza

Capítulo 1: Entre o social e o familiar: valores;

Capítulo 2: A representação da burguesia na Arte;

Capítulo 3: Das elites às massas: o futebol conquista o Brasil;

Capítulo 4: Políticas públicas para as cidades: propostas.

Pensar a língua • O tempo dos verbos como âncoras do texto.

→ Unidade 3: Desafios urbanos: vamos encarar?

Capítulo 1: Realidades urbanas;

Capítulo 2: Os fatos eternizados pela luz da fotografia;

Capítulo 3: Corpo sustentável na cidade;

Capítulo 4: O futuro e as cidades sustentáveis.

Pensar a língua • O tempo e o aspecto dos verbos.

2.1.3 Como a análise linguística é abordada na obra?

Como dito anteriormente, a análise linguística é feita na seção *Pensar a língua*, que, na primeira unidade, trata de “Os advérbios como marcadores e modalizadores”, em que se apresenta uma reportagem que serve como base para as definições do advérbio, algumas palavras do texto são grifadas e existem algumas explicações sobre suas funções na parte lateral da página, além de perguntas a serem respondidas. Posteriormente, são apresentados mais alguns textos e atividades sobre o tema. Na segunda unidade, o tema trabalhado é “O tempo dos verbos como âncoras do texto”, nesta seção também é utilizado um texto de apoio com palavras grifadas, contudo, não há mais definições como na seção anterior, apenas as questões. Já na terceira unidade, o tema a ser trabalhado é “O tempo e o aspecto dos verbos”, que utiliza o trecho de uma reportagem para discutir o conteúdo programado. Nesta unidade temos mais conteúdos explicativos além das atividades.

Apesar de o livro abordar questões cotidianas, que aproximam o leitor da sua realidade, há uma escassez do ensino gramatical de forma eficaz, quer dizer, que envolva a aplicação de métodos pedagógicos que promovam a compreensão profunda e contribuam para o conhecimento dos alunos. E a análise linguística proporciona uma percepção mais profunda da estrutura e do funcionamento da língua. Dessa forma, ao integrar o ensino do léxico à literatura, temos a possibilidade de criar experiências de aprendizagem mais significativas, estimulando o interesse dos alunos pela linguagem e pelo mundo literário.

Nesse contexto, oferecer sugestões de propostas de atividades sobre neologismos surge como uma alternativa para enriquecer o processo de aprendizagem. Em contraste com a tradição, muitas vezes presente nos materiais didáticos, as atividades centradas em neologismos capacitam os estudantes a explorar a linguagem de maneira mais criativa e eficaz, além de lhes permitir verificar como a língua é dinâmica. Ao invés de simplesmente consumir informações, os alunos são desafiados a participar ativamente da construção do conhecimento linguístico, criando e compreendendo neologismos em um contexto relevante para a sociedade atual, pois, ela está em constante evolução e novos desafios, conceitos e fenômenos surgem. A criação de neologismos ajuda a sociedade a se adaptar e a comunicar essas mudanças de maneira eficaz, proporcionando um meio de expressar ideias de maneira atualizada e relevante.

A seguir, falaremos sobre a proposta de atividades sobre neologismos que pretende estimular a compreensão e o uso criativo da linguagem por parte dos alunos. Através de exercícios práticos,

os estudantes poderão explorar a criação de novas palavras, entendendo o contexto em que os neologismos surgem e como contribuem para a riqueza e adaptabilidade da língua. A proposta inclui a análise de exemplos contemporâneos de neologismos, tirados de crônicas do livro *O analista de Bagé* de Luis Fernando Veríssimo. Além de buscar incentivar a reflexão sobre a importância dos neologismos na expressão da evolução da sociedade e no enriquecimento do vocabulário. Essa abordagem não apenas fortalece a habilidade linguística dos estudantes, mas também os capacita a entender e participar ativamente das transformações culturais e sociais que moldam a linguagem contemporânea.

2.2 Proposta de atividades sobre neologismos

2.2.1 Por que sugerir atividades sobre neologismos?

Sugerir atividades sobre neologismos é fundamental para promover uma compreensão mais ampla e dinâmica da língua, incentivando a criatividade e a adaptação à evolução constante do idioma e ao propor atividades sobre neologismos, damos aos estudantes a oportunidade de explorar a vitalidade da língua em constante transformação. Essas atividades proporcionam, como já mencionado anteriormente, a capacidade dos alunos em identificar a dinamicidade da língua, desconstruir a ideia que vigora no senso coletivo de que há erro em língua, além de proporcionar-lhes a compreensão sobre como são formadas as palavras na língua portuguesa.

Essas atividades também estimulam o pensamento crítico, uma vez que os alunos são desafiados a considerar o contexto em que os neologismos surgem e a avaliar seu impacto na compreensão do texto, seja ele oral ou escrito, mas no caso desta proposta, do texto escrito. Além disso, ao promover a discussão sobre a aceitação ou rejeição de neologismos, as atividades incentivam a reflexão sobre a norma culta e as variações linguísticas, contribuindo para uma visão mais abrangente da diversidade linguística.

Em suma, sugerir essas atividades não apenas enriquece o repertório vocabular dos estudantes, mas também os capacita a compreender e participar ativamente das transformações dinâmicas da língua, promovendo assim uma educação linguística mais completa e conectada com as demandas contemporâneas atuais.

A sequência de atividades em questão terá como fundamento três crônicas do livro *O Analista de Bagé*: “O analista de Bagé”, “Palavreado”, “Defenestração”. Este conjunto de narrativas escritas por Veríssimo, oferece uma perspectiva peculiar e humorística das situações vividas

pelo protagonista. A escolha dessas crônicas específicas visa proporcionar ao leitor uma imersão nas nuances do humor regional, na perspicácia do autor ao abordar aspectos psicológicos e sociais, bem como na singularidade do linguajar e da cultura retratados na obra. Ao desdobrar as análises dessas crônicas, espera-se aprofundar a compreensão dos elementos culturais e psicológicos presentes nas entrelinhas, promovendo uma experiência enriquecedora e reflexiva para os envolvidos.

2.2.2 Por que utilizar o livro *O analista de Bagé*?

Escrito por Luis Fernando Veríssimo (1981), *O analista de Bagé* proporciona uma visão humorística e perspicaz das relações humanas. O livro é uma coletânea de 34 crônicas que apresenta o personagem principal, um psicanalista gaúcho que é conhecido por seu jeito pouco convencional de oferecer ajuda a seus pacientes, e também por seu sotaque peculiar e por suas expressões idiossincráticas. Marcado por uma escrita irônica e satírica, Veríssimo é famoso por seu uso criativo e humorístico da linguagem. Ao “brincar” com as palavras, ele cria expressões e termos originais para transmitir suas observações sobre a sociedade e a condição humana. Ele não apenas explora neologismos, mas também altera e propõe o significado de palavras existentes, fazendo uso de trocadilhos e utilizando sotaques regionais para dar vida a seus personagens. Nisso, ao criar palavras ou adaptar termos de maneira inusitada, o autor contribui para a construção de um universo linguístico próprio em suas obras, proporcionando não apenas diversão, mas também uma reflexão sobre a riqueza e a flexibilidade da Língua Portuguesa. A criação de palavras, nesse contexto, é uma ferramenta literária que acrescenta camadas de significado e originalidade ao seu trabalho, o que colabora com a capacidade de leitura dos alunos. Foram selecionadas três crônicas, “O Analista de Bagé”, “Palavreado” e “Defenestração”, que possuem essa forte característica do “brincar” com as palavras como dito anteriormente. Nelas, o autor cria muitos neologismos, no qual em alguns momentos o autor explica o significado dessas palavras e em outros não. Nesse último caso, cabe ao leitor elaborar o significado a partir do contexto, e é isso que torna essa proposta de atividades interessante.

2.2.3 Propostas de Atividades

Antes de discutir o que são neologismos, os alunos já terão debatido, por meio de exercícios, quais os processos de formação de palavras. A seguir, será discutido o que são neologismos e, seguindo o que foi discutido antes, haverá uma discussão com os alunos dos possíveis motivos

de criarmos/inventarmos palavras - a ideia é levá-los a compreender, sem falar de linguistas, quais são, segundo Rocha (2008), os motivos que nos levam a criar palavras.

A seguir, o professor deverá pedir aos alunos que inventem palavras, (importante reforçar que essas palavras inventadas devem ser criadas a partir de outras já existentes). Caberá ao professor anotar no quadro; depois de cinco palavras apresentadas, deve-se pedir aos alunos que digam de qual palavra surgiu aquelas que foram por eles criadas. Por exemplo, imaginemos que surjam palavras do tipo: *folheiro*, *pãozada*, *imorrível*.

Daí pergunta-se: “Folheiro” veio de qual palavra? folha - devem responder; e o que foi acrescentado a folha? o sufixo -eiro (é a resposta); a palavra “folha”, ao se juntar ao -eiro, perdeu alguma letra? ou seja, eles vão perceber que nesse processo de anexação de uma palavra base a um sufixo, essa palavra base pode perder ou ganhar elementos. Depois deve-se perguntar o que seria um “folheiro” (o ideal é que eles percebam que determinadas criações só o contexto pode ajudar a compreender o sentido que a palavra nova possui) mas que eles podem sugerir alguns significados, como: “aquele que vende folhas”. Seguindo por exemplo a ideia de jornaleiro, pedreiro, etc. Posteriormente, deve-se perguntar qual foi o processo de formação de palavras que ocorreu nessa formação, ou seja, *folha* + *-eiro* (sufixação). O mesmo deve ser feito com as outras palavras inventadas pelos alunos “pãozada” e “imorrível”. Com relação à “pãozada” é preciso explicar que, nesse caso, acrescentou-se a letra -Z porque ficaria estranho “pãoada”. Nisso, a língua cria essa possibilidade de acrescentarmos uma consoante que servirá de ligação. Já no caso de “imorrível”, acrescenta-se o sufixo i- e o sufixo -ível. E novamente, será perguntado à turma qual é o nome do processo que permite a anexação de um prefixo e de um sufixo e assim, sucessivamente com as outras palavras criadas.

Uma vez feito isso, os alunos já estarão aptos a ler as crônicas escolhidas, e depois de o professor discutir com eles sobre o texto, deve-se partir para a análise dos neologismos ali criados pelo autor.

2.2.3.1 Sequência de atividades propostas

Visão geral e objetivo

Desenvolver a criatividade dos participantes por meio da criação de neologismos, utilizando como inspiração o livro "O Analista de Bagé" de Luís Fernando Veríssimo.

Parâmetros curriculares

1. (EM13LGG401) Analisar textos de modo a caracterizar as línguas como fenômeno geopolítico, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.
2. (EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e combatendo situações de preconceito linguístico.
3. (EM13LP06) Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua.
4. (EM13LP45) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

Materiais necessários

1. Data show;
2. Cópias das crônicas escolhidas;
3. Dicionários.

Verificação

1. Participação ativa dos alunos nas discussões;
2. Qualidade do material produzido;
3. Criatividade e originalidade nas produções.

Atividades

- **Introdução:**

Apresentar uma breve explicação sobre o que são neologismos, destacando que são palavras ou expressões novas criadas a partir da combinação de elementos já existentes na língua.

Com base em Alves (1990), iremos focar em dois tipos de neologismos:

1. *Neologismos sintáticos*: criados a partir de elementos já existentes com apenas algumas modificações estruturais na língua;
2. *Neologismos semânticos*: criação de novas palavras sem interferir no significado original.

- **Atividade 1**

Dividir os alunos em pequenos grupos;

Solicitar que cada grupo crie uma lista de situações cotidianas ou conceitos para os quais gostariam de inventar neologismos;

Com base nas listas elaboradas pelos grupos, peça que criem neologismos para os conceitos escolhidos (frisando que as palavras inventadas devem ser criadas a partir de outras já existentes);

Incentivar a utilização de elementos regionais, gírias ou particularidades culturais da região em que o professor estiver atuando;

Por fim, cada grupo deve apresentar seus neologismos ao restante da turma, explicando o significado e contexto de cada criação.

- **Atividade 2**

Fazer uma introdução ao livro "O Analista de Bagé" e destacar o estilo humorístico e a linguagem peculiar utilizados pelo autor;

Trabalhar com três crônicas do livro (em anexo) e separar as cinco palavras de cada crônica:

→ *O analista de Bagé*: apócrifas, abanque, charlando, parelha, bagual;

→ *Palavreado*: fornida, lascívia, fanfarrão, falácia, comichão;

→ *Defenestração*: falácia, hermeneuta, traquinagem, plúmbeo, defenestração.

Realizar a leitura coletiva do trecho escolhido e promover uma discussão sobre os neologismos presentes, explorando seu significado e contexto;

Com o auxílio de um dicionário, pedir que os alunos pesquisem os termos selecionados e, caso

encontrem, discutam se tem o mesmo significado proposto por Veríssimo;

Promover uma discussão sobre a criatividade empregada e como os neologismos refletem a essência do humor característico de “O Analista de Bagé”.

- **Atividade final:**

Conduzir uma reflexão sobre a importância da linguagem criativa e inovadora, ressaltando como os neologismos podem enriquecer a comunicação e expressão;

Encorajar os participantes a explorarem a criatividade em outros contextos, incentivando a construção de um ambiente linguístico dinâmico e divertido.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, é importante destacar a capacidade criativa inerente aos falantes que constantemente moldam e dão forma ao idioma. A língua é uma entidade viva, em constante evolução, e seus falantes desempenham um papel crucial nesse processo dinâmico através da criação de novas palavras.

Em um contexto educacional, é de suma importância reconhecer o valor de incorporar essa criatividade linguística no ambiente da sala de aula. No entanto, muitas abordagens educacionais não capturam adequadamente essa dimensão criativa e dinâmica da linguagem. E essa abordagem pode inadvertidamente transmitir aos alunos a impressão de que a linguagem é rígida e inflexível, limitando-se às estruturas preexistentes, quando, na realidade, somos todos constantes criadores de palavras.

A verdadeira natureza da língua se revela na capacidade inata dos falantes de criar novas palavras, expressões e significados. Infelizmente, os materiais didáticos muitas vezes negligenciam a exploração dessas atividades criativas, perdendo a oportunidade de enriquecer a compreensão dos alunos sobre a linguagem.

Portanto, é essencial repensar as práticas pedagógicas, buscando métodos e estratégias de ensino que incentivem a experimentação linguística e a criação de novas palavras em sala de aula. Ao incorporar atividades que explorem a formação de palavras de maneira mais aberta e criativa, os educadores podem proporcionar aos alunos uma compreensão mais autêntica e dinâmica da língua. Isso não apenas enriquece o vocabulário dos estudantes, mas também

promove uma visão mais realista e empolgante da linguagem, rompendo com a ideia equivocada de que as palavras são estáticas e imutáveis. Afinal, a criatividade linguística dos falantes merece ser celebrada e cultivada, e os educadores têm papel fundamental nesse processo, tendo a chance de proporcionar um ambiente que estimule essa expressão única.

REFERÊNCIAS

- Alves, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, [1990].
- Bechara, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [2009]
- Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [ENSINO MÉDIO](#). Acesso em: 19/01/2024
- Brasileiro, Ada Magaly Matias. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. São Paulo. Editora Contexto, 2021.
- Lima, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, [2011]
- Multiversos: **Linguagens: cidade em pauta: ensino médio** / Maria Tereza Rangel Arruda Campos [et al.]. - 1. ed. - São Paulo: FTD, 2020. Outros autores: Lucas Kiyoharu Sanches Oda, Inaê Coutinho de Carvalho, Rodolfo Gazzetta. Área do conhecimento: Linguagens e suas tecnologias. Disponível em: [Multiversos Linguagens - FTD - PNL D](#). Acesso em: 29/11/2023
- Rocha, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. São Paulo: WMF Martins Fontes, [2008].
- Veríssimo, Luís Fernando. **O Analista de Bagé**. Porto Alegre: L & PM Editores Ltda, [1981].
- Vilela, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra. Livraria Almedina, [1994].

5. ANEXOS

5.1 Crônica “O analista de Bagé” (p.7)

Certas cidades não conseguem se livrar da reputação injusta que, por alguma razão, possuem. Algumas das pessoas mais sensíveis e menos grossas que eu conheço vem de Bagé, assim como algumas das menos afetadas são de Pelotas. Mas não adianta. Estas histórias do psicanalista de Bagé são provavelmente apócrifas (como diria o próprio analista de Bagé, história apócrifa é mentira bem educada) mas, pensando bem, ele não poderia vir de outro lugar.

Pues, diz que o divã no consultório do analista de Bagé é forrado com um pelego. Ele recebe os pacientes de bombacha e pé no chão.

— Buenas. Vá entrando e se abanque, índio-velho.

— O senhor quer que eu deite logo no divã?

— Bom, se o amigo quiser dançar uma marca, antes, esteja a gosto. Mas eu prefiro ver o vivente estendido e charlando que nem china da fronteira, pra não perder tempo nem dinheiro.

— Certo, certo. Eu...

— Aceita um mate?

— Um quê? Ah, não. Obrigado.

— Pos desembucha.

— Antes, eu queria saber. O senhor é freudiano?

— Sou e sustento. Mais ortodoxo que reclame de xarope.

— Certo. Bem. Acho que o meu problema é com a minha mãe.

— Outro...

— Outro?

— Complexo de Édipo. Dá mais que pereba em moleque.

— E o senhor acha...

— Eu acho uma pôca vergonha.

— Mas...

— Vai te metê na zona e deixa a velha em paz, tchê!

Contam que outra vez um casal pediu para consultar, juntos, o analista de Bagé. Ele, a princípio, não achou muito ortodoxo.

— Quem gosta de aglomeramento é mosca em bicheira...

Mas acabou concordando.

— Se abanquem, se abanquem no más. Mas que parelha buenacha, tchê. Qual é o caso?

— Bem - disse o home - é que nós tivemos um desentendimento...

— Mas tu também é um bagual. Tu não sabe que em mulher e cavalo novo não se mete a espora?

— Eu não meti a espora. Não é, meu bem?

— Não fala comigo!

— Mas essa aí tá mais nervosa que gato em dia de faxina.

— Ela tem um problema de carência afetiva...

— Eu não sou de muita frescura. Lá de onde eu venho, carência afetiva é falta de homem.

— Nós estamos justamente atravessando uma crise de relacionamento porque ela tem procurado experiências extraconjugais e...

— Epa. Opa. Quer dizer que a negra velha é que nem luva de maquinista? Tão folgada que qualquer um bota a mão?

— Nós somos pessoas modernas. Ela está tentando encontrar o verdadeiro eu, entende?

— Ela tá procurando o verdadeiro tu nos outros?

— O verdadeiro eu, não. O verdadeiro eu dela.

— Mas isto tá ficando mais enrolado que linguiça de venda.

Te deita no pelego.

— Eu?

— Ela. Tu espera na salinha.

4.2 Crônica “Palavreado” (p.26)

Gosto da palavra "fornida". É uma palavra que diz tudo o que quer dizer. Se você lê que uma mulher é "bem fornida", sabe exatamente como ela é. Não gorda, mas cheia, roliça, carnuda. É quente. Talvez seja a semelhança com "forno". Talvez seja apenas o tipo de mente que eu tenho.

Não posso ver a palavra "lascívia" sem pensar numa mulher, não fornida mas magra e comprida. Lascívia, imperatriz de Cântaro, filha de Pundonor. Imagino-a atraindo todos os jovens do reino para a cama real, decapitando os incapazes pelo fracasso e os capazes pela ousadia.

Um dia chega a Cântaro um jovem trovador, Lipídio de Alborno. Ele cruza a Ponte de Safena e entra na cidade montado no seu cavalo Escarcéu. Avista uma mulher vestindo uma bandalheira preta que lhe lança um olhar cheio de betume e cabriolé.

Segue-a através dos becos de Cântaro até um sumário - uma espécie de jardim enclausurado - onde ela deixa cair a bandalheira. É Lascívia. Ela sobe por um escrutínio, pequena escada estreita, e desaparece por uma porciúncula. Lipídio a segue. Vê-se num longo conluio que leva a uma prótese entreaberta. Ele entra. Lascívia está sentada num trunfo em frente ao seu pinochet, penteando-se. Lipídio, que sempre carrega consigo um fanfarrão (instrumento primitivo de sete cordas), começa a cantar uma balada. Lascívia bate palmas e chama:

— Cisterna! Vanglória!

São suas escravas que vêm prepará-la para os ritos do amor.

Lipídio desfaz-se de suas roupas - o sátrapa, o lumpen, os dois fátuos - até ficar só de reles. Dirige-se para a cama cantando uma antiga minarete. Lascívia diz:

— Cala-te, sândalo. Quero sentir o seu vespúcio junto ao meu passe-partout.

Atrás de uma cortina Muxoxo, o algoz, prepara seu longo cadastro para cortar a cabeça do trovador.

A história só não acaba mal porque o cavalo de Lipídio, Es-carcéu, espia pela janela na hora em que Muxoxo vai decapitar seu dono, no momento entregue ao sassafrás, e dá o alarme. Lipídio pula da cama, veste seu reles rapidamente e sai pela janela, onde Escarcéu o espera.

Lascívia manda levantarem a Ponte de Safena, mas tarde demais. Lipídio e Escarcéu já galopam por motins e valiums, longe da vingança de Lascívia.

“Falácia” é um animal multiforme que nunca está onde parece estar. Um dia um viajante chamado Pseudônimo (não é o seu verdadeiro nome) chega à casa de um criador de falácias, Otorrino. Comenta que os negócios de Otorrino devem estar indo muito bem, pois seus campos estão cheios de falácias. Mas Otorrino não parece muito contente. Lamenta-se:

— As falácias nunca estão onde parecem estar. Se elas parecem estar no meu campo é porque estão em outro lugar.

E chora:

— Todos os dias, de manhã, eu e minha mulher, Bazófia, saímos pelos campos a contar falácias. E cada dia há mais falácias no meu campo. Quer dizer, cada dia eu acordo mais pobre, pois são mais falácias que eu não tenho.

— Lhe faço uma proposta - disse Pseudônimo - Compro todas as falácias do seu campo e pago um pinote por cada uma.

— Um pinote por cada uma? - disse Otorrino, mal conseguindo disfarçar o seu entusiasmo.

— Eu devo não ter umas cinco mil falácias.

— Pois pago cinco mil pinotes e levo todas as falácias que você não tem.

— Feito.

Otorrino e Bazófia arrebanham as cinco mil falácias para

Pseudônimo. Este abre o seu comichão e começa a tirar pinotes invisíveis e colocá-los na palma da mão estendida de Otorrino.

— Não estou entendendo - diz Otorrino. — Onde estão os pinotes?

— Os pinotes são como as falácias — explica Pseudônimo.

— Nunca estão onde parecem estar. Você está vendo algum pinote na sua mão?

— Nenhum.

— É sinal de que eles estão aí. Não deixe cair.

E Pseudônimo seguiu viagem com cinco mil falácias, que vendeu para um frigorífico inglês, o Filho and Sons. Otorrino acordou no outro dia e olhou com satisfação para o seu campo vazio. Abriu o besunto, uma espécie de cofre, e olhou os pinotes que pareciam não estar ali. Estava rico!

Na cozinha, Bazófia botava veneno no seu pirão.

•

"Lorota", para mim, é uma manicura gorda. E explorada pelo namorado, Falcatrua. Vivem juntos num pitéu, um apartamento pequeno. Um dia batem na porta. É Martelo, o inspetor italiano.

— Dove está il tuo megano?

— Meu que?

— Il fistulado del tuo matagoso umbráculo.

— O Falcatrua? Está trabalhando.

— Sei. Com sua tragada de perônios. Magarefe, Barroco, Cantochão e Acepipe. Conheço bem o quintal. São uns melindres de marca maior.

— Que foi que o Falcatrua fez?

— Está vendendo falácia inglesa enlatada.

— E daí?

— Daí que dentro da lata não tem nada. Parco manolo!

5.3 Crônica “Defenestração” (p.29)

Certas palavras têm o significado errado. Falácia, por exemplo, devia ser o nome de alguma coisa vagamente vegetal. As pessoas deveriam criar falácias em todas as suas variedades. A Falácia Amazônica. A misteriosa Falácia Negra.

Hermeneuta deveria ser o membro de uma seita de andarilhos herméticos. Onde eles chegassem, tudo se complicaria.

— Os hermeneutas estão chegando!

— Ih, agora é que ninguém vai entender mais nada...

Os hermeneutas ocupariam a cidade e paralisariam todas as atividades produtivas com seus enigmas e frases ambíguas. Ao se retirarem deixariam a população prostrada pela confusão. Levava semanas até que as coisas recuperassem o seu sentido óbvio.

Antes disso, tudo pareceria ter um sentido oculto.

— Alo...

— O que é que você quer dizer com isso?

Traquinagem devia ser uma peça mecânica.

— Vamos ter que trocar a traquinagem. E o vetor está gasto.

Plúmbeo devia ser o barulho que um corpo faz ao cair na água.

Mas nenhuma palavra me fascinava tanto quanto *defenestração*.

A princípio foi o fascínio da ignorância. Eu não sabia o seu significado, nunca me lembrava de procurar no dicionário e imaginava coisas. Defenestrar devia ser um ato exótico praticado por poucas pessoas. Tinha até um certo tom lúbrico. Galanteadores de calçada deviam sussurrar no ouvido das mulheres:

— Defenestras?

A resposta seria um tapa na cara. Mas algumas... Ah, algumas defenestravam.

Também podia ser algo contra pragas e insetos. As pessoas talvez mandassem defenestrar a casa. Haveria, assim, defenestradores profissionais.

Ou quem sabe seria uma daquelas misteriosas palavras que encerravam os documentos formais? "Nestes termos, pede defenestração..." Era uma palavra cheia de implicações. Devo até tê-la usado uma ou outra vez, como em:

— Aquele é um defenestrado.

Dando a entender que era uma pessoa, assim, como dizer?

Defenestrada. Mesmo errada, era a palavra exata.

Um dia, finalmente, procurei no dicionário. E aí está o Aurelião que não me deixa mentir. "Defenestração" vem do francês "defenestration". Substantivo feminino. Ato de atirar alguém ou algo pela janela.

Ato de atirar alguém ou algo pela janela!

Acabou a minha ignorância mas não a minha fascinação. Um ato como este só tem nome próprio e lugar nos dicionários por alguma razão muito forte. Afinal não existe, que eu saiba, nenhuma palavra para o ato de atirar alguém ou algo pela porta, ou escada abaixo. Por que, então, defenestração?

Talvez fosse um hábito francês que caiu em desuso. Como o rapé. Um vício como o tabagismo ou as drogas, suprimido a tempo.

— Les defenestrations. Devem ser proibidas.

— Sim, monsieur le Ministre.

— São um escândalo nacional. Ainda mais agora, com os novos prédios.

— Sim, monsieur le Ministre.

— Com prédios de três, quatro andares, ainda era admissível. Até divertido. Mas daí para cima vira crime. Todas as janelas do quarto andar para cima devem ter um cartaz: "Interdit de defenestrer". Os transgressores serão multados. Os reincidentes serão presos.

Na Bastilha, o Marquês de Sade deve ter convivido com notórios *defenestresurs*. E a compulsão, mesmo suprimida, talvez ainda persista no homem, como persiste na sua linguagem. O mundo pode estar cheio de defenestradores latentes.

— É esta estranha vontade de atirar alguém ou algo pela janela, doutor...

— Hmm. O *impulsus defenestrex* de que nos fala Freud. Algo a ver com a mãe. Nada com o que se preocupar - diz o analista, afastando-se da janela.

Quem entre nós nunca sentiu a compulsão de atirar alguém ou algo pela janela? A basculante foi inventada para desencorajar a defenestração. Toda a arquitetura moderna, com suas paredes externas de vidro reforçado e sem aberturas, pode ser uma reação inconsciente a esta volúpia humana, nunca totalmente dominada.

Na lua-de-mel, numa suíte matrimonial no 17º andar.

— Querida...

— Mmmm?

— Há uma coisa que eu preciso lhe dizer...

— Fala, amor.

— Sou um defenestrador.

E a noiva, na sua inocência, caminha para a cama:

— Estou pronta para experimentar tudo com você. Tudo!

Uma multidão cerca o homem que acaba de cair na calçada.

Entre gemidos, ele aponta para cima e balbucia:

— Fui defenestrado...

Alguém comenta:

— Coitado. E depois ainda atiraram ele pela janela!

Agora mesmo me deu uma estranha compulsão de arrancar o papel da máquina, amassá-lo e defenestrar esta crônica. Se ela sair é porque resisti.